

RESUMO

O presente trabalho envolve um estudo que teve como questão central, por um lado, a análise da relação entre os comportamentos de indisciplina observados em aulas de Ciências da Natureza e a prática pedagógica dos professores e, por outro lado, a compreensão das razões que estão subjacentes a essa relação. Para o efeito, foi seleccionado um quadro teórico de referência – teoria de Bernstein – que facultou os conceitos necessários às diferentes análises. A fim de se averiguar a relação entre (in)disciplina e prática pedagógica recorremos às concepções dos alunos acerca: (a) dos aspectos do contexto pedagógico relacionados com situações de indisciplina e (b) da modalidade de prática pedagógica mais propícia a um clima de (in)disciplina. Este último aspecto serviu também de base à conceptualização de uma prática pedagógica que favorecesse a disciplina na sala de aula. Para compreender as razões que estavam subjacentes à citada relação analisou-se: (a) a posse, por parte dos alunos, das regras de reconhecimento da prática pedagógica dos professores, (b) a posse, pelos alunos, das regras de realização passiva para a prática reguladora dos professores e (c) as disposições sócio-afectivas para a prática pedagógica dos professores. Todas estas razões, juntamente com a análise do contexto das relações de poder professor-alunos, foram estudadas mais detalhadamente e de forma articulada, num sub-grupo de alunos seleccionados intencionalmente a partir do conjunto dos sujeitos do estudo, com vista a aprofundar a análise da relação entre (in)disciplina e prática pedagógica.

Os sujeitos deste estudo foram duas turmas do 6º ano de escolaridade de uma mesma escola e respectivas professoras de Ciências, tendo sido a selecção das referidas turmas intencional. A perspectiva metodológica que orientou a investigação foi de natureza compreensiva-interpretativa. Foi utilizada uma linguagem externa de descrição derivada de uma linguagem interna de descrição desenvolvida por Bernstein (1990, 2000), isto é, recorreu-se a uma metodologia baseada numa relação dialéctica entre o teórico e o empírico. Os dados foram obtidos a partir de uma entrevista às professoras, da observação das aulas de Ciências da Natureza das duas turmas, de um questionário aos alunos e de uma entrevista a um sub-grupo de alunos. De sublinhar que a observação das aulas visou a recolha de dados para a análise do comportamento dos alunos e para a caracterização da prática pedagógica das professoras, aspectos fundamentais à compreensão das razões subjacentes à relação (in)disciplina-prática pedagógica.

Os dados obtidos mostram que a prática pedagógica das duas professoras era diferente. Uma das práticas caracterizava-se, globalmente, por enquadramentos muito fortes, enquanto que a outra se caracterizava, em geral, por enquadramentos pouco fortes, sendo a maior diferença entre ambas ao nível das regras hierárquicas. Os resultados evidenciam uma relação entre a indisciplina ocorrida nas aulas de Ciências e a prática pedagógica. A prova dessa relação está no facto de os alunos da turma indisciplinada terem atribuído os seus comportamentos de indisciplina sobretudo à prática da professora e no facto de ambas as turmas terem considerado que a prática mais propícia à indisciplina é a de enquadramento forte, recebendo a turma indisciplinada uma prática com essas características. As razões que o estudo sugere para a relação indisciplina-prática pedagógica passam pelos alunos não possuírem as regras de realização passiva para a prática reguladora das professoras e não terem as disposições sócio-afectivas para as vertentes reguladora e instrucional da prática pedagógica. O estudo sugere ainda que os comportamentos de indisciplina poderão surgir se os alunos, ao reconhecerem as relações de poder professor-alunos, identificarem formas de enfraquecimento desse poder e actuarem para enfraquecer essa relação de poder.

Palavras chave:

(In)disciplina; Prática pedagógica; Contexto regulador; Contexto instrucional; Ensino das ciências; Regras de reconhecimento; Regras de realização; Disposições sócio-afectivas; Relações de poder e de controlo na sala de aula.